REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
DEZEMBRO
NÚMERO 52
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

SOBRE HISTÓRIAS CORPORAIS: DO CORPO NARRADO AO CORPO REALIZADO, MAS DE QUE CORPO SE ESTÁ FALANDO?

ON BODY STORIES: FROM THE NARRATED BODY TO THE REALIZED BODY, BUT WHICH BODY IS TALKING ABOUT?

Alice Maria Corrêa Medina

Resumo: O artigo apresenta reflexões e discussões acerca do corpo e, para isso, convida alguns autores a dialogarem com o tema. Apresenta como objetivo promover uma compreensão sobre as implicações do corpo narrado e sua dimensão histórica, em movimento, em direção ao corpo realizado no presente. Visa, concomitantemente, fomentar a emersão de questões que são recorrentemente tratadas e discutidas no âmbito das diversas áreas do conhecimento, destacando os contextos relacionais como dispositivos potencializadores para o conhecimento corporal a partir das experiências historicamente produzidas. Ao final se declara: Meu corpo, meu texto, meu tempo, minha história e o mundo, meu lugar!

Palavras-chave: Corpo. Narrativas. Histórias.

Abstract: The article presents reflections and discussions about the body and, for that, invites some authors to dialogue with the theme. Its objective is to promote an understanding of the implications of the narrated body and its historical dimension, in movement, towards the body realized in the present. It aims, at the same time, to encourage the emergence of issues that are recurrently treated and discussed in the context of different areas of knowledge, highlighting relational contexts as potentiating devices for body knowledge from historically produced experiences. At the end it is declared: My body, my text, my time, my history and the world, my place!

Keywords: Body. Narratives. Stories.

Introdução

O artigo se propõe a discutir sobre o corpo em contextos diferenciados e, para isso, convida alguns autores a dialogarem a fim de subsidiar reflexões e discussões, visando uma compreensão sobre as interferências e implicações no presente, das histórias corporais. De forma concomitante apresenta como objetivo fomentar a emersão de questões que são recorrentemente tratadas e discutidas no âmbito das várias áreas do conhecimento, baseado em reflexões sobre o corpo passado e presente. Discute sobre a produção do conhecimento, quando se considera os discursos corporais como elementos vivos e suas

implicações na criação de sentidos relacionados às experiências historicamente constituídas na produção dos cotidianos.

Não foi objetivo do artigo transitar e discutir, de forma mais aprofundada, questões relacionadas às etnias, raças ou sobre o sentido geopolítico, dos tipos de relações pactuadas sobre os corpos, assim como apresentar e discutir sobre os tipos de narrativas. O texto também não intenciona apresentar uma discussão adensada sobre o conjunto de práticas históricas, culturais e institucionais de classificação, baseada no corpo biológico e na divisão dos grupos étnicos. Sem dúvida, as disparidades entre os grupos, subsidiada pelo uso da cor da pele a partir da paleta de cores é algo que remete a discussões importantes, entretanto, o artigo se propõe a incidir algumas luzes sobre pontos mais gerais, a fim de iluminar a percepção sobre o corpo como, por exemplo, a classificação institucionalizada. Um corpo que não pode ser representado, em todas as suas potencialidades e dimensões, somente pela homogeneidade retratada pela coletividade sociocultural por meio da língua, religião e comportamento, nem pelas características biológicas, hereditárias e a cor da pele.

Localizadas e pactuadas, as bases nas quais o artigo é estruturado assentadas nas considerações anteriores, faz-se necessário acrescentar que o trabalho não se propõe, a apresentar e discutir de maneira mais específica as temáticas abordadas pelos autores convidados.

Como elemento de fala e expressão, o corpo, produz e discursa sobre seus textos de diversas formas, entretanto, a apropriação sobre o discurso histórico corporal e sua interação, de maneira efetiva na presencialidade e nos diferentes contextos é tida como um desafio.

O lugar de movimento, ocupado pelo corpo, confere-lhe toda a gama de possibilidades como um “território” de poder sobre a criação e transformação, produzindo realidades e interferindo sempre, de alguma forma.

Breves contribuições do corpo merlopontiano

A etimologia do termo aponta que a representação é derivada da forma latina *repraesentare*, cujo significado pode ser entendido, no contexto do presente trabalho como - apresentar de novo e/ou transpor alguma coisa ausente para o presente por meio de um objeto. Tais considerações permitem supor que, no contexto corporal, a história de antes também é uma história do depois, em função das características do "objeto" de representação. Dessa forma, é ao mesmo tempo passado e presente que se encontram em um mesmo lugar de expressão e experiência do sensível, sobre aquilo que é vivido no tempo e espaço.

Em Merleau-Ponty, o corpo é reconhecido como uma representação da existência humana (MERLEAU-PONTY, 1999), onde o ser humano é, concomitantemente, o "eu" corporal e o sujeito pensante e afetado, visto que o sujeito no mundo é o corpo no mundo.

O presente artigo, requisita os estudos de Merleau-Ponty para tratar de questões e noções sobre o corpo com o propósito de contextualizar de que lugar o corpo é visto e compreendido.

Merleau-Ponty afirma que cada sujeito é o seu próprio corpo. Destaca que "sou meu corpo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 208), considerando que é por meio do corpo que cada ser humano percebe que está no mundo e, a partir dele, se relaciona com tudo que o cerca como, por exemplo, os objetos e as pessoas etc.

Na condição de ser vivo que está no mundo, o corpo opera como mediador e como representação humana, produzido pelas experiências a partir de um sistema aberto, operado pelas dimensões perceptivas e afetivas, intermediadas pelas relações estabelecidas. Essa dinâmica o inscreve à frente de um protagonismo histórico, sempre e de alguma forma, para a escrita sobre a vida.

Se, como assevera Merleau-Ponty, o conhecimento começa no próprio corpo, indicá-lo como um exemplo das primeiras formas de apropriação e produção do conhecimento, revestido pelo poder da linguagem é algo procedente principalmente ao identificá-lo como a "casa viva" da espécie humana. O autor, ressalta que aquilo que é percebido pela pessoa, ou seja, o fenômeno, realiza a experiência perceptiva do sujeito sobre o mundo e as coisas, onde o conhecimento tem início no próprio corpo.

Refletir sobre essa última questão, direcionada para reflexões sobre um corpo que atua de maneira efetiva na produção do conhecimento, a partir de seus movimentos e entrelaçamentos durante os processos de produção daquilo que entrega e produz a realidade, confere uma compreensão sobre o poder de intervenção e criação corporal.

Em alguns relatos, baseados em visões menos ampliadas sobre o corpo, visando compreender os fenômenos relativos as influências e interferências entre os sujeitos e os objetos, considerou-se que havia uma ação de causa e efeito de forma direta dos objetos sobre os sujeitos. Entretanto, essa questão foi esclarecida ao se reconhecer que a percepção e criação dos contextos e realidades não são produzidas e determinadas pelos objetos sobre os sujeitos, mas baseada na relação entre ambos. Nesse sentido, a relação, acaba de alguma forma produzindo as cenas que irão se seguir a partir dos significados, das cores, das formas, dos movimentos, das representações e subjetividades durante o exercício relacional.

Considerar que "toda educação é educação do corpo" (STRAZZACAPPA, 2001, p.78) permite uma compreensão sobre as dinâmicas corporais, baseadas nas relações, que envolvem os processos do desenvolvimento humano. Seguindo a mesma rota, Hackney, aponta que:

> [...] no processo do desenvolvimento, a mudança é *relacional*. Conforme nos movemos, nós estamos sempre fazendo conexões, criando relacionamentos, tanto com nós mesmos como entre nós e o mundo. (HACKNEY, 2003, p.14, grifo nosso).



Destarte, o corpo e o outro, enquanto aquele externo as dimensões corporais do primeiro corpo a se apresentar, passam a ser entendidos como corpos relacionais que doravante se implicarão mutuamente, seja pela utilização, desconstrução, reconstrução etc., diante das possibilidades relacionais, durante o fenômeno.

Lugar de experiências

Enquanto processo em ser e como ser inacabado, o corpo segundo Freire, instala-se como projeto em aberto conferindo, aos contextos, uma dinâmica cotidiana realizada pelas trajetórias de passagem de um lugar a outro, sem que permaneça estacionado completamente, já que mesmo que forma imperceptível diante das limitações humanas mudanças e alterações corporais estão ocorrendo continuamente. Portanto, o sujeito do corpo, assim como a vida sempre estarão envolvidos no movimento em ser. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital [...]” (FREIRE, 2000, p. 55).

Considerar, no pulso que envolve o “ser” como um processo contínuo, no qual o corpo sempre será anatômica e fisiologicamente sempre outro a cada tempo e espaço é atribuir uma dinâmica que envolve os processos corporais fundamentada na consciência do seu inacabamento. Nesse contexto, retira-se das instituições a incumbência equivocada de formação total, enquanto ser acabado e finalizado e a transporta para um contexto de corpo interferido, diante de sua característica relacional e da sua condição permanente na “esteira dos processos”.

Em relação as histórias corporais, pode ser observado por meio dos argumentos do corpo mediante os pensamentos, as atitudes e as ações que circulam interna e externamente nos cotidianos, que a intervenção humana, de alguma forma, modifica e altera os cenários corporais simbólica e objetivamente, visto que a cada avanço do tempo se é outro.

Dessa forma compreende-se que o corpo é um elemento de processos, independentemente da capacidade de percepção, observação e registros que se possa fazer, a fim de comprovar seu estado permanente de mutabilidade.

Especificamente no que se refere a instituição escolar, como espaço de educação formal, o corpo deve ser entendido e reconhecido, sobretudo, antes e para além dos diálogos institucionais estabelecidos com o corpo. Isso quer dizer que, por mais eficientes que possam ser considerados os instrumentos e recursos de aprendizagens e avaliativos, esses não serão suficientemente capazes de traduzir ou representar de forma eficiente, a dimensão do conhecimento apreendido e da capacidade de produção do corpo.

A história corporal também é produzida pelas implicações e interferências cotidianas, nas quais a vida acontece, mediada pelos objetos, cenários e situações que emergem das tramas temporariamente estabelecidas, promovendo consequências simbólicas e objetivas na produção de uma escrita em tempos e espaços específicos. Portanto, pensar a história em movimento e sobre o seu papel na produção das realidades e cotidianos, junto àquilo que é considerado como algo tangível é assentir sobre o poder da escrita corporal no mundo.

Ao localizar o corpo na escola é possível imaginar que o corpo-histórico traz em si toda a diversidade que pode ser manifestada pela representação das experiências e saberes e que, de alguma forma, poderão participar da produção de um conhecimento pessoal e coletivo, em função das sensibilidades e relações estabelecidas antes e durante o processo. Neste lugar, o resultado será apenas consequência ao longo dos caminhos realizados.

A história contada por um corpo inconcluso ou inacabado, em Freire, confere uma dinâmica especial aos “relatos” corporais, ou seja, na produção de um discurso corporal vivo em movimentos que seguem e retrocedem, no tempo



e no espaço, em formulações e reformulações constantes, durante a escrita humana sobre a pauta cotidiana da vida.

É imprescindível reconhecer, de forma literal, que o ser humano não será formado, dada a sua incompletude e, que a função da escola ou de qualquer outra instituição não é formar, mas fomentar diálogos entre as experiências corporais e os conceitos, crenças e "verdades" institucionais, em um vai e vem de construções e reconstruções, ajustes e desajustes. É importante ressaltar que as implicações dos textos históricos do corpo na realidade, não estão somente na modificação dos fatos, embora possam ser produzidos novos sentidos pela apropriação desses, mas sim na reflexão sobre em que lugares e contextos são apropriados e inseridos, baseados nos argumentos e finalidades, visando a criação de novas lógicas relacionais.

Nesse cenário, um exercício mental pode ser apresentado para uma compreensão sobre os processos de "recortes", "colas" e "emendas" do corpo e a produção da trama corporal como processo contínuo:

- Ao adentrar no espaço escolar, o corpo traz suas histórias e experiencias incorporadas. Durante os espaços/tempos escolares há os discursos sobre outras/novas crenças e realidades que possuem um significado e legitimidade institucional, mas que muitas vezes não apresentam sentido aos estudantes. A decisão ou não de incorporar as informações/conteúdos, pelo estudante, passa, necessariamente, pelo sentido produzido ou não, a partir desses elementos.

Avançando um pouco mais, sobre a importância das produções coletivas, se as linhas e as agulhas, dos agentes são entrecruzadas de forma que cada um compartilhe com suas cores e texturas, coletivamente, produzir a trama conjuntamente poderá significar uma compreensão, considerando a necessidade da criação de trajetórias que se encontrem em determinados lugares. Nesse sentido, uma nova rota na criação coletiva pode ser criada,

objetivando novos lugares e pontos onde caibam todos, sustentados por um caminho criado coletivamente, realizado e assentado em outros movimentos.

Em alguma medida, ouvir uma narrativa, durante a contação de uma história é se apropriar do mundo do outro, onde o último viveu a experiência real e o primeiro, do contexto narrativo, a história narrada. Viver as experiências narrativas do outro, também, é uma forma de experiência, contribuindo para o conhecimento sobre o fenômeno narrado, entretanto, se pode dizer que não produz o mesmo efeito de quando se vive uma experiência plena.

Contar histórias é contar a vida entre memórias e experiências que marcam e resistem no corpo de cada narrador.

Passado e presente: movimento de um mesmo lugar

O artigo tem como propósito refletir sobre o valor da história contada pelo corpo e as representações sobre um passado histórico e suas implicações na produção de um sujeito futuro, assim como discutir sobre a importância das narrativas corporais, como forma de linguagem e expressão durante um contexto corporal de apropriação de si, em um movimento histórico-corporal vivo.

Matricular o corpo histórico nos processos é, concomitantemente, favorecer que o afeto, a motricidade, a cultura, a política e a cognição possam de forma efetiva assumirem, cada um, a sua especificidade como elemento de experiência do corpo em diversidade e complexidade. Nesse sentido, o corpo, como linguagem conta as memórias de um passado que se move ativado e imbricado em cada situação de presencialidade de um corpo vivo e pulsado. Durante essa passagem por processos contínuos, a “casa” é desarrumada para que os “objetos”, até então estabelecidos e acomodados, sejam reorganizados, adquiridos, descartados ou ressignificados temporariamente ou

até que seja estabelecido um novo contexto de criação para a geração de uma nova identidade corporal.

Nessa mesma esteira, o desenvolvimento e a apropriação de novas formas de conhecimento, produzidas pela humanidade por meio da apropriação do corpo sobre si mesmo, pode ser considerado como imprescindíveis para uma compreensão sobre as experiências corporais no mundo, supondo que o corpo assume seu protagonismo à frente de um discurso chancelado nas experiencias.

O corpo considerado como linguagem, pode ser representado como uma palavra de vários sentidos que se estrutura por escritos sobre as pautas culturais, sociais, políticas, afetivas e, sobretudo, subjetivas. É nesse lugar, do corpo-linguagem, que todos os seres se encontram. Pensar sobre as questões para além da lógica cartesiana, exige uma hermenêutica diferenciada propulsionando para concepções mais ampliadas sobre os elementos que integram e constituem toda a rede de subjetividades e possibilidades, envolvidas nos processos de produção do conhecimento.

Stephens (1992), certifica que a narrativa abrange três componentes: a história, o discurso e a significação. De acordo com o autor, a história está relacionada as personagens e as situações ou acontecimentos ocorridos em um determinado tempo e espaço, o discurso é alusivo ao texto que é apresentado e a significação é a interpretação do ouvinte ou observador, baseado na relação entre a história e o discurso.

Epistemologicamente, considera-se que a história é constituída pelos fenômenos e que, para ser investigada, utiliza-se a narrativa como método. Nesse sentido, as narrativas são consideradas como métodos utilizados pelos pesquisadores por meio dos quais, os sujeitos contam sobre como experenciaram o mundo, onde o pesquisador as descreve e apresenta, segundo um modelo interpretativo (CARTER, 1993).

Os sentidos produzidos pelo corpo amalgamado pelas dimensões emocionais, cognitivas, políticas, sociais e físicas, nascem da relação entre os valores, crenças e experiências e as extensões perceptivas, de cada ser humano, relativas às situações e aos contextos diferenciados.

Durante a ação do corpo em constituir-se, as representações da realidade permitem a interpretação humana sobre os cotidianos sendo a linguagem, assim como a cultura, consideradas como elementos mediadores das representações sobre as realidades (VYGOTSKY, 1979). A linguagem, em especial a corporal, é o veículo que transmite e comunica os pensamentos e discursos do corpo, durante a relação de encontros e desencontros com o mundo.

A ferro e fogo: na pele e na alma

Um dos temas mais importantes a serem discutidos, em relação ao corpo como um discurso histórico, refere-se aos contextos historicamente marcados pelas ações coercitivas sobre os corpos, seja de forma direta ou indireta.

A fim de exemplificar o contexto de um corpo marcado/selado e a incorporação forçada o livro “A letra escarlate” de Hawthorne (1993), é uma produção que serve como exemplo. O livro aborda a história de uma jovem, Hester Prynne, que após se envolver em uma relação considerada como um adultério deu à luz a um bebê e recebeu a punição de carregar no peito a letra A, em referência a palavra “adúltera”, na cor escarlate, além de um isolamento eterno. O corpo nesse contexto é marcado e identificado, apresentando a marca da punição do “pecado”, considerado pelos agentes judicativos.

No Brasil, a saga vivida e impressa na pele dos escravos é um exemplo das marcas de imputadas sobre o corpo escravizado, julgado e condenado. A punição ao corpo negro e escravizado caracteriza-se de diversas formas, comportamento observado no contexto escravista durante o período de comércio de escravos. A propósito, os escravos considerados fugitivos eram

marcados com as letras FUG (*fugitivus*), pelos antigos romanos. Em vários contextos, os corpos foram marcados por serem julgados como um corpo "menor" como, por exemplo, os dos trabalhadores de minas, escravos etc. Abaixo uma figura que retrata o corpo escravizado e marcado:

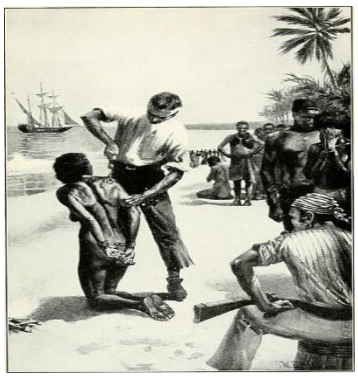

Figura 1. Marca de uma mulher escravizada nua na África

Fonte: Disponível em: https://stringfixer.com/pt/Human_branding Acesso em: 19/09/22.

A pele que envolve, protege e emoldura os corpos é a mesma pele que serve de referência para a lógica de organização e classificação de tudo "aquilo" que é definido como ser humano. O corpo do brasileiro, na classificação institucional, pode ser branco, preto, pardo, amarelo ou indígena. Esses são os tipos de corpos, apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a partir da percepção de cor ou raça do informante, por meio da autodeclaração. Nesse sentido, a cor da pele e os traços físicos da pessoa determina o "grupo" de gente o qual cada ser humano pertence. Como espécie, da natureza, os seres humanos se encontram, mas é na cultura que se separam.

Todos os corpos

A pele, o cabelo, os braços, o abdômen e as pernas não são molduras corporais, mas o próprio corpo existindo e, o que se depreender é que ao existir, o corpo, assume legados corporais em continuidade ao livro da

humanidade, por meio da impressão de seus textos na história das existências e assim por adiante. As coisas do corpo precisavam caber dentro de algum lugar e nem sempre cabem somente no corpo, indo para além desse lugar. Assim sendo é indicada uma reflexão constante sobre as causas e consequências sobre a vida, onde o desafio da vida é viver!

A história corporal, corrobora com a realidade quando o autor da expressão corporal é capaz de tomá-la para dialogar, recriar e produzir algo novo. A inserção da história corporal, como representação e como linguagem em um movimento de transição entre um passado que é processado permanentemente no presente, confere e legitima a ipseidade do sujeito no processo de construção de si mesmo.

Imbricadas na textura corporal, as tramas sociais e culturais estruturam o tecido físico, simbólico e subjetivo do corpo sendo considerado, por vezes, apenas como um objeto de investimento coletivo e receptor de ações e significados socioculturais.

Em relação aos aspectos situados no contexto das pesquisas, no que se refere a hermenêutica, o artigo não teve como objetivo indicar e discutir sobre a interpretação e análise das narrativas e sim discutir e compreender um corpo que é capaz de contar muito mais sobre si, como um documento histórico, vivo, subjetivo e complexo. De forma mais clara, o “contar muito mais sobre si” refere-se que, o corpo como personagem e narrador, não relata apenas as suas memórias, mas o que há para além disso possibilitando o acesso aos sentidos que o produziu. A pesquisa pelos sentidos das coisas, produzidas pelo corpo avança, amplia e localiza o corpo, ou seja, pode indicar que tipo de corpo está sendo lido, refletido e compreendido.

Algumas questões podem ser aventadas com a finalidade de compreender como o corpo passado tem implicações no corpo presente, de forma contínua, desse modo é próprio considerar que o corpo sempre observa,

seleciona e interfere, a partir das referências e das sensibilidades mobilizadas e incorporadas historicamente.

Independentemente de uma consciência ou não de um passado/presente, haverá um entrecruzamento entre o passado e presente no/do corpo, diante de uma história que se movimenta sempre em direção ao presente. Durante esse movimento, sempre a frente, a história carrega traços que conferem uma digital de existência única e que dialoga e avalia sobre o valor das aquisições e cessões do corpo, dinamizadas pelas forças e consequências que o atingem.

Observa-se que, na contemporaneidade, há um mercado corporal que orienta e conduz uma lógica alicerçada na precificação de corpos, onde as imagens corporais são negociadas no balcão das redes. Nesse lugar, o corpo passa a ser a imagem disseminada que adquire um valor agregado no mercado virtual. Esse também é um tipo de corpo e, algumas questões podem ser aventadas como, por exemplo: Quanto vale a imagem de um corpo? O preço será estipulado pelo "vendedor" ou aquele que o mercado estiver disposto a pagar?

Discute-se, atualmente, sobre um apagamento dos corpos sob a égide do consumo no contexto da primazia do capital. No que tange a essa questão Salib Deffaci et al. (2021) afirma que:

> [...] a norma é o apagamento dos nossos corpos em detrimento de uma lógica de consumo. Não apenas do que é concreto, palpável, mas de uma ideia de produtividade e modos de ser e estar no mundo. Consumimos e propagamos falas que dizem pouco sobre a humanidade que habita em nós. (SALIB DEFFACI et al., 2021, p.9).

Buscar novas formas de organização para as coisas no mundo, onde os corpos possam contar histórias pelas experiências que os atravessaram, independentemente da percepção limitada do observador ou pesquisador é credenciar e legitimar a vivência de todo e qualquer corpo que experimentou e experimenta o mundo. O mundo é produzido pelo movimento humano, em

processos de afetação e experiências, quando o corpo é capaz de se realizar a cada momento de aproximação, em sua plenitude, como um corpo realizado.

Durante o seu trajeto no tempo, o corpo, conta histórias sobre seus caminhos de experiências e por onde andou indicando, por meio da apropriação e o uso da linguagem expressiva, as trajetórias passadas e futuras durante a escrita de suas memórias sobre uma pauta que só o tempo pode trazer.

Meu corpo, meu texto, meu tempo, minha história e o mundo, meu lugar!

Referências:

BRASIL, IBGE. *Acesso à informação - Características de cor ou raça da população Brasileira*, 2017. Disponível em: http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Item/displayifs.aspx?List=0c839f31%2D47d7%2D4485%2Dab65%2Dab0cee9cf8fe&ID=1436321&Web=88cc5f44%2D8cfe%2D4964%2D8ff4%2D376b5ebb3bef Acesso em 21 set, 2022.

CARTER, Kathy. *The place of story in the study of teaching and teacher education.* Researcher, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia.* São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HACKNEY, Peggy. *Making connections:* Total body integration through Bartenieff fundamentals. Routledge, 2003.

HAWTHORNE, Nathaniel. *A letra escarlate.* Tradução de Christian Schwartz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEFFACI, Kátia Salib; SASTRE, Cibele; PINTO, Aline da Silva; LOPES, Sílvia da Silva. Corpos COM(part)ilhados. *Revista da FUNDARTE*, *[S. l.]*, v. 44, n. 44, p. 1–12, 2021. DOI: 10.19179/2319-0868/898. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/898. Acesso em: 21 set. 2022.

STEPHENS, John. *Language and ideology in children's literature.* New York: Longman Publishing, 1992.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos CEDES*, Campinas, Centro de Estudos Educação e Sociedade, n. 53, 1ª ed., 2001.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem***.** Lisboa: Antídoto, 1979.